

# UMA REFLEXÃO SOBRE AS FESTAS POPULARES: AS FESTAS CARNAVALESCAS

João Paulo Carneiro dos Reis<sup>1</sup>  
Rosane Balsan<sup>2</sup>

## Resumo

Esta pesquisa é resultado em andamento de uma pesquisa da pós graduação em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. O qual a proposta aqui é o estudo sobre um breve contexto histórico sobre as festas populares o qual o objetivo é investigar a formação temporal e espacial da micareta, denominada um “carnaval fora” de época em Miracema- TO e a opinião dos participantes a respeito desta festa. A pesquisa é qualitativa baseada na descrição é realizada em dois momentos, o primeiro uma revisão bibliográfica a cerca a origem das festas carnavalescas em especial as das micaretas. A segundo a descrição espacial e temporal da micareta em Miracema- To, como é vista pelos seus participantes, esta etapa serão utilizadas as entrevistas para a compreensão da opinião dos seus sujeitos. Neste estudo é a descrição breve desde primórdios ao dias atuais o contexto de como ocorre às festas populares no caso da festas carnavalescas. E por fim, é feito análise e aqui apresentado o qual identificou que a festa é um produto da construção humana que constituem a própria identidade do homem, ora alterando assim suas formas de acontecer em diferentes momentos da história humana.

**Palavras chaves:** Festas, Carnaval, as Micaretas.

---

1 Mestrando no Programa de Pós Graduação em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins em 2019. Bolsista CAPES.  
E-mail: joaozinhorn@hotmail.com.

2 Doutora Professora pela Universidade Federal do Tocantins na graduação em Geografia pela UFT, 2019.  
E-mail: rosanebalsan@hotmail.com.

## Introdução

O objetivo deste estudo é descrever a discussão sobre as manifestações culturais no atual momento da sociedade. As festas são reflexos de um mosaico cultural existente na história do homem, assim, para esse entendimento dos fatos, no primeiro momento realizou a discussão teórica, sobre cultura, as festas carnavalescas tratando de maneira específica as micaretas. Neste sentido é importante enfatizar aqui nesta pesquisa está sendo realizado o estudo de caso de uma festa, carnavalesca no município de Miracema do Tocantins, ressalta ainda que este estilo festivo origina na França no século XV, somente no início do século XX chega ao Brasil.

A compreensão do contexto histórico e cronológico é aqui a preocupação inicial desta pesquisa. Pois esta proposição é presa a produção histórica da vida humana. Isto é, pelo fato de ser o humano, o protagonista dela, é ele que a promove, neste sentido, sua cultura e identidade e bem como a seu acontecimento é resultante das vontades humanas.

A investigação aqui aderida vem dessa inquietude em relação aos vários aspectos imbuídos na realização de um festejo, neste caso, da Micareta, "Miracaxi", que acontecem há 21 anos na cidade de Miracema, Tocantins, anualmente no mês de julho. E assim, busca a compreensão do turismo e da investigação da identidade coletiva, em que está sendo promovida durante deste período. Neste artigo, na parte teórica do estudo, leva-se consideração que a pesquisa está em andamento, para o dado momento é apresentado o levantamento bibliográfico em que será fundamentada toda a pesquisa.

Objetivo geral é investigar as manifestações carnavalescas, então as consideradas como carnavais "fora de época". As finalidades específicas são discutir inicialmente como tem se constituídos as festas populares ao decorrer da história do homem. Verificar um breve acontecimento das manifestações da antiguidade ao momento atual, em especial o caso da micareta existente em Miracema Tocantins. Refletindo historicamente como surgem as micaretas no Brasil.

Os passos metodológicos da pesquisa ocorrem em etapas, a qual primeira é a construção do projeto, estabelecendo os questionamentos e os objetivos. Fazer levantamento de bibliografia (livros, teses, dissertações, monografias, artigos de jornais e revistas etc.) sobre as festas populares tradicionais, baseados nos respectivos autores, (CAMARGO et al 2012), (MARCON, 2017), (XAVIER, 2010) e (DAMATTA, 1986)". As discussões buscou o embasamento nos respectivos autores citados, os quais discutem

com propriedade a temática. Terceira a pesquisa de campo, aplicação de questionários e entrevistas, almejando assim, ouvir os participantes da festa que ocorre anualmente desde 1997 em Miracema, Tocantins.

Análise dos dados parte da pesquisa qualitativa, a qual buscou ouvir os depoimentos e as oralidades dos entrevistados, diante da coleta deste depoimento, entende-se que para a sua análise, é utilizada enquanto a escala de análise a experiência. Baseadas nos relatos orais dos coletados realizado na fase da pesquisa de campo envolvendo os diferentes sujeitos responsáveis e que fazem parte da festa.

A pesquisa qualitativa, é segundo Junior et al (2014) termos como pressuposto a idéia de que o mundo social não é um dado natural, mais algo construído pelas as pessoas em suas vidas cotidianas em condições estabelecidas pelo contexto. Essas construções formam a realidade essencial das pessoas, ou seja, seu mundo vivencial. Nesse sentido, o emprego da abordagem qualitativa, seja por meio de entrevistas, individual ou coletiva, ou até mesmo questionário semi estruturado, assim, ajuda a mapear e compreender o mundo dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Então este é o ponto de partida do cientista social, que introduz esquemas interpretativos a fim de deslindar as narrativas dos atores sociais.

Segundo Xavier (2010) a abordagem qualitativa foi facilitada pela observação direta podendo ser considerada como coleta de dados. Assim, escolha da metodologia, como sugerida no estudo sobre as festas, não é rígida, mas sim rigorosa, ou seja, o pesquisador não necessita seguir uma metodologia com rigidez, mais qualquer método ou conjunto de metodologias que utilizados devem ser aplicados com rigor.

Assim, neste primeiro momento da pesquisa, a preocupação é teórica, baseado no método histórico, há o entendimento cronológico da ocorrência dos fenômenos festivo ao decorrer da vida humana, sendo então, um elemento cultural presente na vida do homem desde seus primórdios.

Nesta pesquisa, a preocupação é compreensão de um fenômeno social e leva-se conta a descrição do modo de vida social em amplo contexto do passado, para tal compreensão, a sua descrição e análise é necessário entendimento das rupturas e mudança no fenômeno vivido alterando assim com o tempo conforme comportamentos e costumes dos seus fatores, e assim, "permitindo a comparação de sociedades diferentes, ajudando a entender os vazios dos fatos e acontecimentos, apoiando-se em um tempo, mesmo que artificialmente reconstituído, que assegura a percepção da continuidade e entrelaçamento dos fenômenos." (LAKATOS E MARCONI, 2009, p.91-92).

## As festas populares: carnaval e um pouco da sua história

Esta investigação tem como discussão as festas populares, que é por natureza um elemento base da cultura, é caso das festas. Sobre a importância nas pesquisas sobre a temática, Messias (2010) conta que o entendimento, dentre tantas direções em que é estudado na especificidade do conceito de “cultura”, percebe-se que a partir de 1970, pesquisadores europeus, influenciados pelos estudos sobre mentalidades, direcionaram seus olhares as análises de temas como festas, devoções, religião, morte, sexualidade, rituais, entre outros.

Domingues (2011) ressalta que a cultura popular foi redefinida como um espaço de disputa, no qual se reproduzem simbolicamente as relações de forças sociais e de poder vigentes na sociedade – a cultura popular é percebida sempre do ponto de vista de suas relações de forças sociais.

É preciso, assim, questionar (e desconstruir) o conceito de cultura popular e ir além das dualidades (culto/popular, ilustrado/rude, refinado/arcaico, moderno/tradicional, letrado/oral) para pensar a cultura como arena de clivagens, disputas, conflitos e fraturas entre interesses antagônicos, qualificando como popular a produção cultural que se configura como manancial crítico, alternativo e contraponto à cultura hegemônica e/ou dominante. (DOMINGOS, 2011).

Neste estudo, a preocupação com a temática de festa, em sua especificidade no interior do conceito de cultura, discutido anteriormente, Gonçalves (2008) ressalta que, fazendo um breve levantamento de como historiadores e antropólogos que têm trabalhado com o objeto “festa” percebe – se, que a maioria dos trabalhos parte da concepção de que festa é vista como um ato coletivo, ritual, em que acontecem inversões, subversões, por vezes, a instauração do caos, marcado principalmente pela alegria. Os momentos estudados são muitas vezes marcados pela carnavalização social, pelo descarrego de tensões reprimidas, pelo êxtase, pela suspensão da ordem.

A festa, como sendo um elemento inerente a própria cultura, dita popular, é talvez a combinação de tradições culturais diversas, recriadas e reinventadas pelo seu povo. E então, ela se expressa em manifestações festivas, tradições e no conjunto de maneiras e jeitos de falar e de ser, nos tipos de músicas e demais modos de representação. (BRANDÃO, 1989).

O conceito de tradição, nas palavras em Eric Hobsbawm (1997) é entendido, como um ato praticado por um grupo social, que geralmente aparecem, e são (ré) criados, o qual existe em um tempo pretérito distante,

(ré) surgem no momento atual. E assim, as manifestações culturais até então, consideradas antigas, são na verdade recentes ou (ré) inventadas. E assim, autor, chama em sua obra *A invenção das tradições* "(1997) a tradição inventada como um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica, que visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição que implica uma continuidade do passado.

Neste sentido, falar das tradições é referenciar também as manifestações culturais, ou sejam festas em seu contexto geral, elas existem ao decorrer da história humana. Sendo um produto de suas ações, neste sentido, Costa (2010) retrata que durante a Idade Média as festas e as feiras tiveram um importante papel na produção do espaço nas cidades, principalmente o intercâmbio promovido pelos comerciantes que viajavam pelo mundo em busca de mercadorias para abastecer as cidades. Sem dúvida, essas práticas tiveram papel de destaque na Revolução Comercial que fundamentou algumas condições necessárias à Revolução Industrial. Assim, as manifestações culturais e sua produção espacial devem ser vista, também, conforme a autora;

Enquanto praticas sócios espaciais que fazem parte da vida cotidiana, são cooptadas pela extensão do valor de troca no processo de reprodução do espaço, da vida que agora tem a uniformidade e a programação como características. Há um processo de transformação das relações, das formas de uso do espaço, agora reproduzindo como mercadoria bem como das práticas sócio espaciais. (COSTA, 2010, p.54)

De acordo, Guarinello (2001) a festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade.

Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. Festa, portanto, produz identidade. O que chamamos de festa é parte de um jogo, é um espaço aberto no viver social para a reiteração, produção e negociação das identidades sociais. Um lapso aberto no espaço e no tempo sociais, pelo qual circulam bens materiais, influência, poder. [...] A festa unifica, mas também diferencia, tanto interna quanto externamente. [...] A festa não apaga as diferenças, mas antes une os diferentes. A identidade que cria é uma

unidade diferenciada [...] Toda festa é [...] uma estrutura de poder, [...] que se inscreve na memória coletiva e individual dos participantes (GUARINELLO, 2001 p. 972-974).

Nesta perspectiva, festa marca e se caracteriza por uma disputa pelo espaço mais precisamente pelo lugar das emoções e alegrias definidas como festivas. A festa, entretanto, não pode ser reduzida a um simples confronto entre duas posições extremas, como querem muitos estudiosos da questão, que consideram que elas devem ser compreendidas como produto de uma oposição entre classes sociais. (FERREIRA, 2000).

A discussão sobre a festa em si, requer contextos de temporalidades e espacialidades específicas representado pelos seus atores, os quais partem também de relação de poder. Neste sentido, é perceptível e mais claro nas festas carnavalescas – reduz-se, para estes autores, a um embate de entre os diferentes atores oponentes que buscam impor, cada um deles, seu modo de vida ao “inimigo”. Por mais sedutora que pareça, a metáfora da de luta ou demarcação festiva precisa ser relativizada. (FERREIRA, 2000).

Assim de uma forma cronológica, no tempo, Lilian Cristina Marcon (2017)<sup>3</sup> faz breve apanhado sobre as origens da palavra Carnaval. Há três definições sobre a origem da palavra Carnaval, em latim Primeiro, que a palavra surgiu de Carne vale, que significa adeus a carne, referindo-se a aproximação da Quaresma. Em segundo, de Carne Levare, abolindo a carne. E em terceiro lugar de Carrus Navalis, navios sobre rodas. A autora, em sua análise, acredita que o Carnaval tem como marco inicial a criação dos cultos agrários e, como ponto final a oficialização das festas a Dioniso, durante o reinado de Pisistrato a Grécia, de 605 a 527AC.

As festas Dionísicas segundo Marcon (2017) eram festividades em homenagem ao Deus do Vinho Dionísio (ou Baco) eram uma das mais abundantes em Atenas, na Grécia, marcadas por extravagância e exibicionismo. Eram cinco: as Lenéias (janeiro - fevereiro), Antestérias (fevereiro - março), Dionísias Urbanas (março - abril), Osofórias (outubro) e as Dionísias Rurais (dezembro - janeiro).

Aponta ainda Marcon, (2017) que a trajetória das festividades de outrora, iniciou na antiguidade, com cultos agrários, o cultivo da terra deu origem a cultos agrários, onde acreditavam que fazendo rituais aos deuses, estes influenciariam suas colheitas, autora, ressalta então que:

---

3 Informações contida no blogs sobre a história do carnaval em <[www.carnaxe.com.br/historia/historia-do-carnaval-e-sua-origem.htm](http://www.carnaxe.com.br/historia/historia-do-carnaval-e-sua-origem.htm)> acesso em 05//04/2019.

Nos rituais as pessoas se apresentavam seminuas ou fantasiadas e eram acompanhadas por festividades com excessos de bebedeiras e sexo. Essas festividades e rituais aconteciam nas quatro estações: Solstício de Inverno, Solstício de Verão, Solstício de verão, equinócio da primavera, equinócio de outono, equinócio da primavera, equinócio de outono. (LILIAN CRISTINA MARCON,2017)

Ainda, segundo, Marcon, (2017) o ritos Agrários das primeiras sociedades de classes só existem referências a partir do século XI, mas aconteciam bem antes como: as festas da Grécia Antiga com excessos dos mascarados, fantasias e muita bebedeira. Na Esparta, no ritual de passagem dos meninos que viravam Homens, eles fantasiavam de velho, mulheres ou idosos regados a muita bebedeira.

E assim, ainda na Grécia, de acordo com Marcon (2017), conta ainda que havia as celebrações chamadas de Panateneias ou Pantaneas - Festividades e culto celebrados na Grécia Antiga à deusa mitológica Atena. Sócrates nos contou que eram realizadas as pequenas (anuais) e grandes (cada quatro anos) panateneias com lutas semi-nus, desfiles com navios, etc., para agradar a deusa e obter boas colheita.

Na Itália, também havia celebrações, Marcon (2017) conta que celebravam a Deusa Artemis em Siracusa, ocorria uma festividade anual em homenagem a Deusa Grega Ártemis (ou Artemisa, ou Diana) onde enfeitavam as cabeças com coroas ou chifres. Deusa da agricultura e da caça e mais tarde associada a lua e a magia.

Neste sentido “quando o indivíduo se sente dotado de poderes que lhe propiciam estabelecer relações diferentes e realmente humanas com os demais, com a finalidade única de plena satisfação de seus desejos”. Camargo (2012, p.7), deste modo:

Existe uma grande dificuldade para explicar e definir as origens da palavra carnaval. Muitos estudiosos tentam explicá-la de diferentes formas e divergem entre; os próprios dicionários traduzem tais divergências com diferentes definições. A mais difundida e aceita é a de carnaval e originada do baixo latim carnelevamente que significa adeus à carne. Alguns autores citam carrus navalis, palavras conjuntas que se referem às celebrações dionisíacas, em que um carro carregando um grande tonel era conduzido pelas ruas da Roma antiga, distribuindo vinho ao povo, nos séculos VII e VI a.C. (CAMARGO 2012, p7).

É no século VII a.C. teria existido o Carnaval Pagão, com o culto a Dionísio, Saturno e Baco, não só em Roma, mas também na Grécia antiga, celebravam-se o sexo e a bebida. Mais tarde, na Veneza renascentista, foram agregadas fantasias, alegorias e máscaras. Por último a existência dos carros alegóricos, nos carnavais no Brasil. (ARAUJO, 2003).

O domingo de carnaval cairá sempre no 7º domingo que antecede ao domingo de Páscoa. Em 1582, o Papa Gregório XIII promoveu a reforma do Calendário Juliano, transformando-o em Calendário Juliano-Gregoriano, em uso até hoje e estabeleceu definitivamente as datas do carnaval. (CAMARGO et al, 2012). Ainda segundo o estudo do autor:

Por volta de 8.000 a.C., os cuidados com a agricultura já tinham inspirado e incentivado a criação de cultos e festejos ligados à fertilidade. Os primeiros agrupamentos humanos de porte, chamados de cidade, permitiram, contudo, que tais festejos fossem estruturados e codificados, como as festas agrárias, que faziam parte do culto e eram realizadas dentro dos templos e que desembocaram no Carnaval. A origem deste evento se perde, assim, na noite dos tempos. Mas certamente uma de suas raízes está ligada à civilização egípcia. Segundo a mitologia deste povo, o carnaval foi inspirado na jovem deusa Isis, protetora da natureza, e seu parceiro Osíris. (CAMARGO 2012, p8)

Em sua homenagem, os mortais se reuniam ciclicamente, no plantio e nas colheitas agrícolas. Dançavam e festejavam em prol do crescimento das sementes e da saúde dos frutos. Osíris era sacrificado após a festa para acalmar os dias de prazeres. A associação do culto à fertilidade com as permissividades praticadas naqueles dias entevia a inversão do cotidiano com a idéia de renascimento. (CAMARGO, et al 2012).

Assim, durante estas celebrações existia também a figura de um rei sobrenatural, que era o eixo das festividades, permitia a realização de sonhos proibidos e ligava a festa ao sentido da vida e sua transcendência. A satisfação do rei abençoaria os campos e as sementeiras e a sua morte purificaria os espíritos, fundamentos da vida renovados conforme o ciclo da natureza. (CAMARGO, et al 2012), ainda, para autor;

Tais festejos continham rituais libertadores de atitudes reprimidas; era um período especial em que a quebra da ordem estabelecida e os [...] eram permitidos, com muita comida, bebida e liberação sexual. Seguiu-se um período

de recolhimento e, no cristianismo, de cinzas. (CAMARGO, et al 2012, p8)

Foi em 590 d.C., pelo rei Gregório I, o primeiro a regulamentar as datas do carnaval e criou a expressão *Domenico ad carne* levadas, derivada de dialetos italianos, e que significa "tirar a carne", o que seria a liberdade para se ingerir carne à vontade antes da Quaresma. A versão menos conhecida vem de autores alemães que sugerem que a origem viria de Kane ou Karl, que significa comunidade pagã, os deuses e seus seguidores, e de Val ou Walt, que significa procissão dos deuses mortos. (ARAÚJO, 2003; CAMARGO, 2012). Percebe – se também que:

Embora tendo seu caráter original transfigurado porque totalmente controlado pela Igreja Católica, o carnaval ganhou força pela sua tradição. Mais do que nunca, os festejos tiveram as suas características de contraponto ao cotidiano, acentuadas e transformadas em momentos de "inversão": (...) "paganismo no lugar de cristianismo, muita comida em vez de fome, muito sexo em vez de abstinência carnal, homens vestindo-se de mulheres e vice-versa". Todo o período de dezembro até fevereiro era festejado de forma carnavalesca, (CAMARGO, 2002, et al p.30).

Nesta perspectiva "o carnaval inspirou-se nas outras festas e delas se destacou pela criatividade e capacidade de imaginação, visível em seus temas; esboçou-se não de acordo com um cronograma exato, mas "mais pela evolução dos costumes" (HEERS, 1987, p.168).

De acordo com Camargo et al (2012) foi tomando maior vulto, sobretudo na área mediterrânea da Europa – em Roma e Veneza, em Paris e Nice, em Nuremberg e Colônia. Os festejos carnavalescos eram ligados ao ciclo litúrgico e as pessoas usavam máscaras e cantavam sátiras e paródias aos rituais da Igreja, aos costumes, às convenções sociais e às personalidades credenciadas da região. Não eram festas prestigiadas pelas classes privilegiadas, mas constantemente criticadas e embora proibidas em 1431 pelo Concílio de Basiléia, algumas sobreviveram por mais um século. Neste sentido:

Contrastando com a arraigada hierarquização do regime feudal, a partir da própria hierarquia do trabalho nas corporações profissionais, tendo como pano de fundo a hierarquia social em classes estanques (nobreza, clero e povo), o contato livre e familiar que acontecia nesses dias especiais era vivido intensamente, criando um tipo particular de comunicação grotesca e livre, inconcebível no dia a dia, que proporcionava humanismo nas relações através

da percepção carnavalesca do mundo. (CAMARGO 2012, p12)

A elite realizava suas festas nos salões de Veneza, também com o uso de máscaras transformadoras. O uso das máscaras traduzia uma alegre negação da identidade, expressão das metamorfoses e das violações das fronteiras. Encarnava o princípio do jogo da vida, baseado na co-relação da realidade com a imagem, criando um ambiente especial, de outro mundo. Entretanto, o seu uso tornou-se rotineiro e elevou a criminalidade executada sob as mesmas. A dificuldade de identificação dos criminosos levou as autoridades a proibi-las. (CAMARGO, et al, 2012).

Em seu livro *Carnavais e outras festas*, a autora, Maria Clementina Pereira da Cunha (2002) ressalta ainda que havia mitos que o carnaval, como algo especialmente veneziano. Mas, eles não o eram, pelo menos até o século XVII. Antes de 1600, o carnaval não era mais característico de Veneza que de Florença, Roma ou Nápoles, ou de qualquer cidade a região Mediterrânea – Montpellier, por exemplo, Barcelona ou Servilha. Os eventos menos formalmente organizados, na periferia dos procedimentos, eram muitos parecidos em todo lugar.

## **Uma conversa sobre o carnaval no contexto brasileiro**

No Brasil são muitas as manifestações festivas como o oktober fes, o Bumba meu Boi, o carnaval, o maracatu, as cavalcadas, as congadas, a catira, festa para santos católicos, festa para santos do candomblé, exposições agropecuárias, festa da soja, do milho, do abacaxi, da melancia, as micaretas, vários eventos como feiras de moda, shows musicais, entre tantas outras manifestações culturais ou comerciais. Brasil (COSTA, 2010).

Além disto, relacionando com o modo de vida construído no espaço urbano, Costa (2010) afirma que:

Na cidade, a vida dos que fazem as festas populares hoje não é sem exploração e se exclusão. Fazer a festa é uma forma de ocupar um território e estabelecer outras formas de poder, de uso da cidade, mostrando que está posta a possibilidade da resistência a partir da e na vida cotidiana, na festa. Mas não sem conflitos. (COSTA, 2010, p, 84).

E assim, em relação á dinâmica das festas, Costa (2010) aponta que “as festas populares são completamente transformadas, com elementos e componentes que desaparecem ou mudam de forma e função, as bases

do mundo festivo são elaboradas “Costa (2010, p.51) para autora, as dinâmicas existências das festas acontecem pelo fato de:

Muitas festas desapareceram e outras persistem, transformadas, em maior ou menor grau, em espetáculo pela sociedade de consumo, mas, não capturadas totalmente, as festas são essencialmente o espaço e tempo do encontro da alegria do uso mesmo quando programadas conseguem negar a ordem imposta em algum momento alguma forma. (COSTA, 2010, p51).

Desta forma, as manifestações culturais não são entendidas apenas como algo festivo para o corpo, mas segundo, Costa (2010) elas são também eventos de consumo, seja de vários tipos de produtos e constante. Seja de imagens ou outros tipos de produtos, processo que procura tornar o trabalho despendido com a festa em trabalho produtivo e o tempo em que tempo para a realização de mercadoria. Desta maneira, é difícil encontrar-se uma festa que não tenha ao menos um vendedor de pipoca ou de sorvete, assim como é difícil encontramos uma concepção popular de festa desvinculada de consumo, seja da própria festa, seja no espaço da festa.

A preocupação aqui neste instante da pesquisa é busca da compreensão do carnaval no Brasil, para chegar-se a essa finalidade é necessário recorrer aos principais teóricos que há anos vem estudando este fenômeno festivo que é parte da cultura do país.

Neste contexto amplo Damatta (1986) contribui em suas varias obras falando como é visto o carnaval no Brasil, em suas obras, dentre elas, “O que faz o Brasil, o Brasil?”. O qual ele vai fazer uma reflexão sobre como as festas carnavalescas chegam aqui. Como também vai abordar as características peculiares inventadas e reinventadas em diferentes lugares no país. Assim, a festa tem novos significados construído uma identidade própria ao povo que festeja a festa na rua a cada ano no país.

Damatta (1986) ao questionar no seu titulo da sua obra, conta ao decorrer dela que não seria exagero dizer, em que é uma ocasião em que a vida diária deixa de ser operativa e, por causa disso, um momento extraordinário é inventado. Além disto:

Como toda festa, o carnaval cria uma situação em que certas coisas são possíveis e outras devem ser evitadas. Não posso realizar um carnaval com tristeza, do mesmo modo que não posso ter um funeral com alegria. Certas ocasiões

sociais requerem determinados sentimentos para que possam ocorrer como tais. (DAMATTA,1986, p.49).

Outro ponto essencial, para entendimento da festa com o povo, ou seja, do povo brasileiro com o carnaval, Damatta (1986) nos questiona, como é que o povo define e vê o Brasil no carnaval? Qual a receita para o carnaval brasileiro?. Segundo o autor, recorda-se que o carnaval é definido como "liberdade" e como possibilidade de viver uma ausência fantasiosa e utópica de miséria, trabalho, obrigações, pecado e deveres. Numa palavra, trata-se de um momento onde se pode deixar de viver a vida como fardo e castigo. (DAMATTA, 1986). Assim, o autor, pontua também, a respeito da festa que:

O carnaval brasileiro possibilita é a da distribuição teórica do prazer sensual para todos. Tal como o desastre distribui o malefício ou a infelicidade para a sociedade, sem escolher entre ricos e pobres, como acontece normalmente, o carnaval faz o mesmo, só que ao contrário. O Rei Momo, Dioniso, o Rei da Inversão, da anti estrutura e do desregramento, coloca agora uma possibilidade curiosa e, por isso mesmo, carnavalesca e impossível no mundo real das coisas serias e planificadas pelo trabalho. E que ele sugere um universo social onde a regra é praticar sistematicamente todos os excessos. (DAMATTA,1986, p. 49).

Ainda sobre a dinâmica proporcionada pelo o carnaval, Damatta, afirma ainda que:

Entre nós, brasileiros, realizar isso é poder descobrir que o carnaval é percebido como algo que vem de fora, como uma onda irresistível que nos domina, controla e, melhor ainda, seduz inapelavelmente. Algo que chega até nós periodicamente sem que haja possibilidade de resistir. É também descobrir que, por causa disso mesmo, todos são iguais – ou podem ser iguais perante o carnaval. (DAMATTA, 1986 p. 49).

Em relação a origem do carnaval no Brasil, é importante destacar o contexto de formação do carnaval do Rio de Janeiro, a esse respeito, Damatta (1986) discute nos seus estudos, nos aponta que o carnaval carioca, uma das características do desfile carnavalesco é que ele faz parte do chamado "carnaval de rua". Para autor, há uma oposição em relação carnaval que ocorre em espaço fechado, aquele realizado em clubes, um carnaval realmente caseiro, isto é, antes desses bailes se tornarem

populares a partir de 1840. Ele se inicia nas casas, sem muita ordenação em termos de publico. Ainda segundo autor:

Era uma festa familiar e de bairro, estando muita próxima da própria forma que o originou, o famoso entrudo original de Portugal. O "carnaval de rua" em oposição ou contraste com um "carnaval de clube" perfaz a segmentação clássica, utilizada todas as vezes que falamos dessa festa. Na rua, o carnaval assume sobretudo a forma de um encontro aberto, dominado no Rio de Janeiro pelo desfile das escolas de samba; ao passo que, nos clubes, se trata de um ambiente mais bem marcado, pois o próprio espaço físico é privado. Mas tomar essa segmentação como rígida seria um engano. Pois basta refletir um pouco para ver que existe uma correspondência entre rua e clube, ambos reproduzindo em seus respectivos contextos novamente a mesma posição. (DAMATTA, 1986, p. 109).

Então, o carnaval seja na rua, na viela, na praça ou na avenida, seja no clube, na escola ou em casa um espaço próprio. Sobre a estrutura dos bailes de carnaval nos clubes como um exemplo de espaços mais ou menos fechados, mas que reproduziam a dicotomia rua/casa. Agora, é o momento de chamar atenção para outro aspecto, mesmo no clube, com os espaços fechados, é preciso planejar e organizar esse espaço. Exemplo disto são as paredes do clube são decoradas e personalizadas com motivos "afins" carnaval. (DAMATTA, 1986).

Diniz (2008) trás que uma das mais antigas formas de brincar o carnaval no Brasil é o entrudo, o primeiro relato que se tem dele remonta ao Pernambuco de 1553. Trazido para cá por imigrantes portugueses, ele é caracterizado pela brincadeira de sujar uns aos outros com polvilhos, pó de sapato ou farinha de trigo e de atirar limões de cheiro, limões recheados de água, urina ou outras coisas, em familiares e vizinhos.

Para Damatta (1986) O movimento carnavalesco não se diferencia de outros movimentos rituais, já que todos exigem um local especial para sua realização. O contraste marcante, porém, entre o desfile do carnaval e o das paradas militares e procissões é que, no carnaval, a área selecionada é muito maior e sua ocupação muito mais prolongada.

Em relação, ao tempo e a ocupação dos espaços pelo carnaval Damatta (1986) fala, seja nas paradas e procissões, o espaço público (rua, avenidas, vielas e praças). No carnaval, entretanto, essa ocupação demora pelo menos três dias, tendo uma longa preparação antecipatória. E por isso mesmo, requerendo para sua atualização esquemas de transito

que exigem considerável esforço, sobretudo em cidades como o Rio de Janeiro. A qual, tem uma população de mais de 5 milhões de habitantes. Ainda sobre os espaços a serem ocupados na cidade para festa, autor, destaca também:

O centro comercial da cidade fica fechado ao trânsito, de modo que as pessoas, ligas ou não as corporações típicas do carnaval como os blocos e escolas de samba possam ocupá-lo sem problemas. A rua ou avenida é domesticada, já que no mundo diário as ruas do Brasil (e do Rio de Janeiro) são áreas mortais, com os automóveis trafegando em alta velocidade, dispostos a liquidar pessoas. No carnaval, porém, esse centro da cidade, tão nervoso e histérico, surge como se fosse uma praça medieval: totalmente tomado pelo povo que ali anda substituindo os carros, vendo ou brincando o carnaval. (DAMATTA, 1986, p.112)

O carnaval como cotidiano, tem dois planos fundamentais; a rua a casa. Num e noutro, encontramos sua própria reprodução, como se o sistema evitasse seu fechamento em dois tipos de carnaval radicalmente diversos. Alias, é essa impressão que se tem após um análise superficial. Mas ambas as formas contem os elementos clássicos do desfile; no clube, com as pessoas "circulando" no salão na rua, com as pessoas se engajando em grupos. Damatta (1986). O autor comenta ainda que:

No carnaval, no seu espaço típico, o instante supera o tempo e o evento passa a ser maior do que o sistema que o classifica e lhe empresta um sentido normativo. Não é por outra coisa que a palavra mais ouvida nesse momento é loucura. "isso é uma loucura" dizemos uns para os outros, contemplando esse cenário. Loucura por que estamos na " rua" que subitamente, se torna um lugar seguro e humano, loucura, finalmente, por que nosso mundo social, tão preocupado com as hierarquias e as lógicas do " você deve saber o seu lugar" e do "sabe com que está falando". (DAMATTA,1986, p. 116)

Porém Damatta (1986) aponta ainda que pensar o local, ou melhor, os espaços, onde ocorre as festas carnavalescas, sobretudo, na rua, é imaginar um caminhar despreocupado, sem destino, por isso mesmo, altamente consciente, ritualizado e alegre, o carnaval é um momento sem dono, posto que seja de todos. Isso me parece básico numa sociedade

como a brasileira, por que aqui tudo deve estar sob o rígido controle dos códigos dominantes. (DAMATTA, 1986), ainda, segundo autor, isto tem:

Como conseqüência, não se pode (nem se deve, talvez) admitir uma festividade sem um patrono, um sujeito, um centro ou um dono, como é comum ouvir nas áreas rurais e urbanas do Brasil. De fato, é comum se dizer, sobre momentos rituais no Brasil; quem é o dono da festa? Ou para quem é a festa? Numa demonstração clara de que as reuniões de caráter coletivo (sobretudo aquelas que são programadas) devem ter um centro, um sujeito ou um destino para o qual são realizadas. (DAMATTA, 1986, p. 119).

Damatta (1986) no carnaval as leis são mínima é como se tivesse sido criado um espaço especial. Indo da casa acima da rua, onde todos pudessem estar sem essas preocupações de relacionamento ou filiação a seus grupos de nascimento, casamento e ocupação. Uma ruptura paradoxal, acima e fora da rua e da casa, o carnaval cria uma festa do mundo social cotidiano, sem sujeição as duras regras de pertencer a alguém ou de ser alguém, por causa disso, todos podem mudar de grupos e todos podem se entrecortar e criar novas relações de insuspeitada solidariedade. Neste sentido, autor, salienta também:

Que a multiplicidade de eventos que ocorrem simultaneamente num mesmo espaço, típica de rituais de inversão como o carnaval, ajuda a transferir as lealdades mais fortes da família, da casa, da classe. Essas identidades sociais permanentes e cotidianas para uma situação, um contexto específico que se define como altamente dramático por que nele ocorrem muitas ações ao mesmo tempo. Não há ordem de entrada ou de saída, como num palco de teatro, ou num evento ordenado ou de saída. (DAMATTA, 1986, p. 116).

Damatta (1967) retrata que todas as festas do mundo social brasileiro têm um dono ou um patrono. Do mesmo modo, uma festa sem dono é primordialmente uma festa dos destituídos e dos dominados. Por que no mundo cotidiano eles nada possuem (exceto seus corpos e força de trabalho seus poderes místicos e sua fome de viver) somente eles podem ser centro de uma festividade invertida e paradoxal, que não programa lei e donos, mas que pode ser possuída pelos que nada tem.

Portanto, segundo Cunha (2001) mesmo que o carnaval enquanto um conjunto de brincadeiras e folguedos realizados quarenta dias antes da Páscoa. E de fato, outro elemento importante de destacar é que foi

apenas no final do século 1870 a palavra passou serem utilizada por autoridades, políticos, jornalistas e literatos para nomear exclusivamente a “molhaçada”. Em relação uso do termo, autora ressalta ainda que:

Oposto ao da palavra Carnaval, que designava sobretudo, préstitos, bailes, batalhas de confete e outras práticas mais recentes, as quais se atribuía superioridade em face dos folgues rudes e incultos do entrudo. Esse seria, significara durante muito tempo, (para boa parte da população carioca, ainda mantinha este sentido no final do século XIX). (CUNHA, 2001, p.25)

E assim, entendendo um pouco mais do carnaval, em específico o carioca, Cunha (2001) nos aponta que o Carnaval carioca da segunda metade do século XIX, o travestimento, o uso de pó branco ou tinta no rosto para inverter os signos raciais e também o hábito de envergar roupas e sinais de distinção aristocrática, como no caso dos príncipes foram elementos constantes nas ruas.

Damatta(1986) entende que se carnaval celebrasse a ligação sexual e não o sexo estaria centrado numa estrutura e seria festa dos cais e da união. Seu dono seria o casamento, essa rotina do sexo essa maquina de reprodução social. Se ele, por outro lado, celebrasse o pertencimento a um grupo permanente, estaria circunscrito a um grupo exclusivo. Do mesmo modo, se o carnaval fosse á festa da riqueza e não do luxo teria como sujeito uma classe social. Mai seu alvo não é o rico. Mas o nobre, ou melhor, a nobreza, que frequentemente a riqueza fácil a avilta e despede, de modo que a festa continua descentralizada e inclusiva. (DAMATTA, 1986).

D`abadia (2010), aborda que, na festa, há diversos envolvimento de poderes que se intercalam em suas ações. Esses poderes existem conforme a estrutura hierárquica da Igreja Católica na construção de sua ação. Outro poder que se apresenta é o poder do Estado, seja na organização da festa religiosa, seja ato cívico ou de forma onipresente na festa carnavalesca também. Neste sentido o Estado representado via:

As instituições públicas que podem atuar na festa, como prefeituras municipais, secretarias de governos municipais e estaduais. Em relação ás escalas de tessitura para o enquadramento do poder, a festa pode apresentá-la de diferentes modos. [...] desde a macro organização da igreja e do Estado para sua atuação, até micro escala de poder, representada na eleição do festeiro e seus auxiliares bem

como de outros segmentos religiosos que podem atuar na organização da festa. (D'ABADIA 2010, p.46)

Ele enquanto controlador maior sobre toda a sociedade está presente também na organização das festas não religiosas, como o carnaval "fora de época" nos municípios, a organização fica cargo da prefeitura.

Nesta direção, D'abadia (2010) afirma que a festa é constituída por redes, pelas linhas de forma concreta ou não, que asseguram a comunicação. A territorialidade constitui-se nessas ações políticas e de poder formando o território festa; no caso das festas religiosas, a igreja, a comunidade e poder publico assumem ações diretas que impactam em tais manifestações culturais.

O "carnaval fora de época" chamada de micaretas, é para, Gaudin (2000) de nomenclatura francesa, cuja, a palavra "Mica reme" significa em "meio da quaresma" acontecia entre várias categorias da população da capital francesa: os açougueiros, as lavadeiras e os estudantes [...] cada grupo desfilando num determinado percurso e, em alguns anos, se juntando nas principais artérias de Paris num grande desfile popular.

Mas há contra sensos, Pinto (2010) trás que a primeira teria acontecido a festa estilo micareta é na cidade de Feira de Santa. De acordo com autor, a festa lar ocorre desde 1936. O qual no primeiro momento, um grupo de foliões, liderados por Manoel da Costa Ferreira e pelo professor Antônio Garcia, revolucionou a cidade com a criação da Mica reme, em substituição ao Carnaval. Houve debates pelos jornais com o grande mestre Antônio Garcia defendendo o nome de Micareta e não "Mi-carême". Vencedor, o nome de Micareta, como sendo o carnaval temporão (fora de época), o Sr. Manoel da Costa Ferreira, com a assessoria de João Bojo e outros convocaram todos os artistas feirenses que entendiam de alegorias e trouxeram operários de Salvador que tinham experiência nos clubes Fantoche e Cruz Vermelha.

Nesse contexto, outro lugar no estado da Bahia, que há décadas tem a festa, a primeira há registros no Jornal Jacobinense, aponta que a primeira Micareta aconteceu na cidade de Jacobina na Bahia, conforme aponta o noticia de comemoração de 100 anos da festa na capa do jornal Nº98 "O Lidador" 1912/2010.

O fato é as festa do estilo micaretas de origem francesa chega ao Brasil no século XX há suas reinvenções em novos espaços cabe destacar também esta festa é carnavalesca também, mas em outras temporalidades. Portanto a proposta aqui é fazer esta breve discussão das festas populares como tem se formado com suas temporalidades distintas em espaços diferentes.

## Breves considerações finais

A festa carnavalesca, para Nascimento (2003) costuma ser enfocada como a reunião de várias fases da história humana e é por isso que se torna difícil precisar onde e quando surgiu. A origem do carnaval pode ser atribuída a uma fase remota do curso da História e apresenta diversas versões na literatura especializada sobre o assunto. Segundo autora, há várias pesquisas sobre as evoluções por que passaram as festividades carnavalescas ao redor do mundo demonstram a sua diversidade de significados e a multiplicidade de papéis identitários que fazem parte do seu contexto.

Assim, de acordo com Nascimento, "A história do carnaval pode ter início no antigo Egito, por volta de 4000 a. C em que danças e cânticos e torno de fogueira, mascaradas e adereços, orgias libertinagens compunham festejos que evidenciam de alguma maneira uma ascendência das comemorações carnavalescas atuais". (NASCIMENTO, 2003, p.24).

Em linhas gerais, Ferreira, (2006) aponta que é importante destacar que a festa, estabelece uma relação complexa com a realidade, não é uma simples reprodução ou inversão de sentido, a festa recolhe experiências que normalmente são vivenciadas em separado, e acrescenta sentido aquilo que no cotidiano é percebido como descontinuidade.

Portanto chega a consideração que o carnaval tradicional e as micaretas, visto como "carnavais fora de época", é segundo, Gaudin (2000) fala que a micareta em francês é "Mica reme" significa em "meio da quaresma" acontecia entre várias categorias da população da capital francesa: os açougueiros, as lavadeiras e os estudantes [...] cada grupo desfilando num determinado percurso e, em alguns anos, se juntando nas principais artérias de Paris num grande desfile popular.

A proposta aqui na pesquisa é busca da compreensão do contexto das festas populares neste primeiro momento abordado para então os próximos passos para o entendimento do surgimento da invenção da festa do estilo micareta em suas reinvenções em lugares diferentes.

## Referências

ALENCAR, Hélder. 31 anos de Micareta Feira de Santana, Ed. Feira de Santana-BA: Fundação Senhor dos Passos, 2011.

ABREU, Martha de. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha.; SOIHET, Rachel (Orgs.). Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 83-102.

ARAÚJO, Hiram. Carnaval – Seis milênios de história. 2. Ed. Rio de Janeiro: Gryphus., 2003.

BURKE, Peter. O que é história cultural? Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima, BARBOSA, Fátima Marita, O Carnaval ancestral como contraponto do cotidiano e sua banalização nas sociedades modernas, Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte - São Paulo, V.5 N°2 2012.

CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato Geografia: conceitos e temas/ (org), Iná Elias de Castro, Paulo Cesar da Costa Gomes, Roberto Corrêa. 2ª Ed. Rio de Janeiro; Bertrand, Brasil, 2000.

COSTA, Carmem Lúcia. Cultura, Religiosidade e Comércio a Cidade: A Festa em louvor á Nossa Senhora do Rosário em Catalão – GO: 2010.223f. – Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade São Paulo, São Paulo, v.1, 2010.

CHARTIER, Roger, Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, n.16, p. 179-192, 1995. Disponível em:< <https://www.ebah.com.br/content/ABAAAAL/cultura-popular-roger-chartier>> acesso em 07/03/2019.

CUNHA, Clementina Pereira. Ecos da Folia: Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920/ Maria Clementina Pereira Cunha. São Paulo: Companhia das letras, 2001. CUNHA, Clementina Pereira, Carnavais e

outras festas: ensaios de história social da cultura/ Maria Clementina Cunha (org.) – Campinas, SP: CECULT, 2002.

D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. Diversidade e identidade religiosa: Uma leitura espacial dos padrões e seus festejos em Múquem, Abadiânia e Trindade - GO. 2011. 254 f. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Humanas Universidade Federal do Goiás. Goiânia, 2011.

DARNTON, R. O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa. Trad. Sônia Coutinho. 4. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia de dilema brasileiro, 6ª edição, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto O que faz o Brasil, Brasil? 1ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, (1986)

DINIZ, André. Almanaque do Carnaval: A história do carnaval, o que ouvir o que ler, onde curtir, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

DOMINGUES, Petrônio, A Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográficas História (São Paulo) v.30, n.2, p. 401-419, ago/dez 2011 ISSN 1980-436 Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/his/v30n2/a19v30n2.pdf>> acesso em 24/09/2018.

LAKATOS, MARCONI, Eva Maria, Marina de Andrade, Metodologia Científica, 5ed. São Paulo, Atlas, 2009.

LEMOS Doracy Araújo. Jacobina, sua história e sua gente/memórias, Jacobina: Grafinoorte, 1995.

FEITOSA, Thalyta de Cássia da Silva. As Festas da cidade de Porto Nacional: Um olhar dos ativistas culturais. 2017 Mestrado em Geografia. Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional. 2017. 139f

FERREIRA, Maria Nazareth. Comunicação, Resistência e Cidadania: as festas populares, Comunicação e Informação, v.9, n.1, p.111-117, jan./jun. 2006.

FERREIRA, Ângela Lucía de Araujo; MARQUES, Sônia. Privado e Público Inovação Espacial ou Social? Innovación, Desarrollo Y Medio Local Dimensiones Sociales Y Espaciales De La Innovación. In: Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, N°69, p.20 agosto de 2000.

FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo, Revista Território, Rio de Janeiro, ano 5, n.9, p.65-83, jul./dez., 2000.

GAUDIN, Benoit. Da mi-carême ao carnabeach – histórias da(s) micareta(s). Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, V.12, p.47-68, maio de 2000.

GINZBURG, C. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Trad. Maria Betânia Amoroso. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. As festas romanas Revista de Estudos do Norte Goiano vol.1, nº1, ano 2008, p.26 – 68, Disponível em: <[https://historia.ufg.br/up/108/o/as\\_festas\\_romanas\\_ana\\_teresa.pdf](https://historia.ufg.br/up/108/o/as_festas_romanas_ana_teresa.pdf) > acesso em 22/01/2019. HOBBSAWN, Eric. A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

GUARINELLO, Noberto Luiz, FESTA: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa, In: Festa, Trabalho e Cotidiano. Vol.II / István Jancsó, Iris Kantor (orgs) – São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa oficial, 2001.

HEERS, Jacques. Festa de Loucos e Carnavais. Lisboa – Portugal: Publicações Dom Quixote, 1987

JUNIOR, Anor da Silva, SILVA, Priscilla de Oliveira Martins da, MESQUITA, José Marcos Carvalho de. As dimensões teóricas e metodológicas do grupo focal no contexto da pesquisa qualitativa in: SOUZA, Eloisio Moulin, Metodologia e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual, (org) Eloisio Moulin Souza, Vitória, Edufes, 2014, 296p.

MESSIAS, Noeci Carvalho, Religiosidade e Devoção: As festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade – TO. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da faculdade de História da Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia – GO, 2010

MIRANDA, Eduardo Oliveira, SILVA, Hellen Mabel S. (Dês)territorialização e Festa: A mercantilização do espaço público na Micareta de Feira de Santana in: III encontro Baiano de Estudos em Cultura. Encontro, Feira de Santana, 2012.

MORAES, Eneida. História do carnaval carioca. Rio de Janeiro: Record, 1987

NASCIMENTO, Aline Santos de Brito, Carnaval de Ilhéus – Identidade, turismo e sustentabilidade. Dissertação apresentada, para obtenção do título de Mestre em Cultura e Turismo, á Universidade Estadual de Santa Cruz/ UFBA, Ilhéus, BA, 2003.

OLIVEIRA, Aline Nunes de. As funções das festas no espaço geográfico contemporâneo: um estudo de caso de Distritos Rurais de Londrina/PR. Londrina: UEL, 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós - Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, 2010.

SANTOS, José dos Santos, O que é cultura. 6. Ed. São Paulo: brasiliense, Brasil, 1987.

PINTO, Florentino Carvalho, JESUS, Amaral Luziane, Micareta de Feira de Santa: uma Festa Popular sob o olhar das relações culturais e Socioeconômicas. Reac – Revista de Administração e Contabilidade. Faculdade Anísio Teixeira (FAT), Feira de Santana-Ba, v. 2, n. 2, p. 35-50, julho/dezembro, 2010.

XAVIER, Clarissa Valadares, Micaretas ou festas Micaretescas? Sobre espaços públicos e privados, lugares e locais na turistificação da folia em Goiânia. Tese (doutorado) pela Universidade Federal de Goiás – UFG, 2010, 209 f.

## Agradecimentos

